

GONÇALO FERREIRA DA SILVA



# LAM PI ÃO

O CAPITÃO  
DO  
CANGAÇO

GONÇALO FERREIRA DA SILVA

# LAMPIÃO

O CAPITÃO DO CANGAÇO

Editora da RALP

*Rua Senador Dantas, 16 - 604*

NO LIMAR DA ERA DE AQUÁRIO  
AOS MIL NOVECENTOS E OITENTA E TRÊS ANOS DO  
NASCIMENTO DE JESUS, O CRISTO  
QUADRAGÉSIMO QUINTO ANO DO NASCIMENTO DO POETA  
GONÇALO FERREIRA DA SILVA  
EDITOU-SE ESTE POEMA

### **Biografia do Autor**

*Prosador e Poeta, Gonçalo Ferreira da Silva nasceu na Cidade cearense de Ipu no dia 20 de dezembro de 1937. Fez os cursos de extensão universitária de Literatura Brasileira — prosa — no Instituto Afrânio Peixoto do Rio de Janeiro, e de Literatura Brasileira — poesia — no mesmo Instituto. Amante do dicionário, Gonçalo Ferreira da Silva é notável pela grande versatibilidade e técnica genial. Sua poesia se caracteriza pela riqueza de imagens e grande beleza lírica. Embora tenha um estilo inconfundivelmente próprio, ama a escola tradicionalista. É um dos grandes clássicos da literatura popular e letras vernáculas.*

*Gonçalo Ferreira da Silva*

## L A M P I ã O

---

### O CAPITÃO DO CANGAÇO

Só a alma luminosa  
do homem missionário  
ouve a voz interior,  
e tendo o dom necessário  
faz poesia da seiva  
de um caule imaginário.

Poeta não ouve vozes  
só com humanos ouvidos,  
asculta a alma das coisas  
com diferentes sentidos  
para os que não são poetas  
ainda desconhecidos.

Este poema que fala  
de cangaço e de sertão  
é, apenas, a cultura  
uma contribuição,  
um documentário vivo  
da vida do Lampião,

Por ser uma obra feita  
à luz da verdade viva,  
mostra a face nobre, humana  
e até caritativa  
de Lampião, se tornando  
a menos repetitiva.

Qual o homem mais famoso  
da nossa grande nação?  
Vargas não nos é estranho  
porém sem comparação  
internacionalmente  
é sem dúvida o Lampião.

À feição de pedestal  
tinha o serrote em seu pico  
longevo angico, havia meses  
não via de chuva um tico  
e a cauí cantava triste  
no último galho do angico.

José Ferreira casara  
ainda com pouca idade  
com a esbelta Maria  
Vieira da Soledade  
num clima de alegria,  
de paz e tranquilidade.

O século passado estava  
dando sinais de cansaço,  
José e Maria presos  
por matrimonial laço  
em breve seriam pais  
do grande rei do cangaço.

No dia quatro de junho  
de noventa e oito, a pino  
estava o Sol, e Maria  
dava à luz um menino  
que receberia o nome  
singular de Virgulino.

Em Floresta do Navio  
nasceu e foi registrado,  
no solo pernambucano  
e ali foi batizado  
bem distante de Recife  
a capital do Estado.

O velho cônego e vigário  
Joaquim Antonio Siqueira  
batizou solenemente  
o Virgulino Ferreira  
filho de José Ferreira  
e de Maria Vieira.

Depois daquela bendita  
e cristã solenidade  
os padrinhos Pedro Lopes  
e Maria Soledade  
desejaram ao afilhado  
fortuna e felicidade.

Os seus bisavós paternos  
segundo contam alguns  
velhos historiadores  
foram roceiros comuns  
naturais do Ceará  
dos lados de Inhamuns.

Venâncio Barbosa afirma  
num pequeno trecho em prosa  
que seus ancestrais vieram  
da família dos Feitosa  
sua bisavó paterna  
era Maria Jacosa.

Dos avós paternos, ele  
tem idéias menos vagas,  
moravam em "Situação"  
nas mesmas agrestes plagas  
E eram Antonio Ferreira  
e dona Maria das Chagas.

Os Montes e os Feitosa  
viviavam em pé de briga  
por problemas de fronteira  
numa rixa tão antiga  
que eternizaram aquela  
bruta e secular intriga.

José Ferreira da Silva  
e Maria Soledade  
pacatos e estimados  
em sua localidade  
não eram ricos mas tinham  
pequena propriedade.

Quando José se tornou  
compadre de Saturnino  
já quatro filhos contava  
pois além de Virgulino  
já tinha também Antonio,  
Ezequiel e Livino.

A terra de Saturnino  
era na mesma comarca  
fronteiriça à de José  
cujas reses tinham a marca,  
as iniciais do velho  
e honrado patriarca.

Tinha o velho Saturnino  
um filho muito estimado  
José, que tomava conta  
da criação, do cercado,  
dos rebanhos e até mesmo  
da compra e venda de gado.

Até que um dia chuvoso  
José achou pendurado  
no pescoço de uma rês  
por Virgulino amassado  
chocalho de Saturnino  
quebrado, inutilizado.

Daí pra frente as famílias  
tão fraternalmente unidas  
viram de tal amizade  
as bases estremecidas  
arranhões que se tornaram  
as mais profundas feridas.

José Saturnino teve  
a reação fulminante  
pois amassou os chocalhos  
do insignificante  
gado dos Ferreira, dando  
uma resposta arrogante.

José Ferreira da Silva  
foi ao compadre avisar  
que longo plano de paz  
era preciso formar  
para que uma desgraça  
possível fosse evitar.

Saturnino grave e sério  
disse: — Compadre, vocês  
amassaram um chocalho  
no pescoço de uma rês  
ninguém teve a consciência  
de ser comigo cortês.

E ao compadre José  
foi o chocalho exibindo  
rangendo os dentes de ódio,  
sinistramente sorrindo  
dando uma prova eloquente  
de que não estava mentindo.

José Ferreira não tendo  
argumento convincente  
girou sobre os calcanhares  
retornando prontamente  
à sua casa a fim de  
pensar mais maduramente.

Reunindo os filhos fez  
demorada exposição,  
analisando com calma  
a dura situação  
chamou Cornélio Soares  
para uma mediação.

Cornélio então convocou  
à casa de Saturnino  
o velho José Ferreira  
que chegou sem Virgulino  
dizendo: — O que combinarem  
fiquem certos que eu combino.

Cornélio Soares, homem  
mediador perspicaz  
arrancou de Saturnino  
uma promessa veraz  
de que por ele haveria  
uma duradoura paz.

No entanto não passou  
de mero pallativo  
porque Virgulino tinha  
um gênio tão explosivo  
que não aplacou as chamas  
do seu fogo vingativo.

José Saturnino estava  
trabalhando noite e dia,  
com a filha de Nogueira  
brevemente casaria  
para tal finalidade  
ele a casa construía.

O terreno de Nogueira  
ficava um pouco afastado,  
José construía a casa  
com seu futuro cunhado  
quando foi por Virgulino  
visitado e avisado:

— Amanhã virei aqui  
não para lhe visitar,  
amigo José chocalho  
e pode se preparar  
polir as armas e vir  
disposto para brigar.

Aqueias palavras ditas  
por Virgulino Ferreira  
lembraram até fanfarrões  
bebendo em final de feira  
porém continham a ira  
de uma mão justiceira.

Foi esta a primeira luta  
de Virgulino Ferreira  
Já à feição de guerrilha  
improvisada trincheira  
respondendo ao fogo intenso  
de Saturnino e Nogueira.

Nesta primeira batalha  
o resultado obtido  
é que Livino saiu  
capenga e muito ferido  
e o ódio entre as famílias  
muito mais recrudescido.

Nova proposta de paz  
por Cornélio apresentada  
se não foi pelas famílias  
prontamente rejeitada  
teve vida muito curta  
precocemente olvidada.

José Ferreira da Silva  
na paz não tendo mais fé  
reuniu todos os filhos,  
eles, Maria e José  
mudaram-se logo para  
as terras de Nazaré.

Tal como as outras medidas  
foram ineficientes  
esta foi nula porque  
os Saturnino Valentes  
já contavam com os Nogueira  
e mais fortes aderentes.

José Saturnino disse:  
— Amanhã bem cedo eu vou  
à Nazaré porque um  
rapaz de lá me comprou  
um cavalo, no entanto  
ainda não me pagou.

Diz a razão que o confronto  
seria mais que iminente;  
ir à Nazaré seria  
insultar publicamente  
os Ferreira, em cujas veias  
circulava um sangue quente.

Em verdade nesse tempo  
o valente Virgulino  
já saqueava comércio,  
provocava desatino  
incendiara a fazenda  
do sogro de Saturnino.

José Saturnino e  
Nogueira foram avisados  
do perigo que corriam,  
no entanto, bem armados  
todos os conselhos foram  
por eles ignorados.

Na hora em que Virgulino  
e seus irmãos deram fé  
dos Saturnino na feira  
foram armados e a pé  
expulsaram Saturnino  
das terras de Nazaré.

Sob intenso tiroteio  
ensurdecedor, cerrado  
Saturnino caiu fora  
cabisbaixo, envergonhado  
disse ao velho em casa que  
tinha sido tocaiado.

Reuniram voluntários  
com um furor assassino  
grandes apreciadores  
da família Saturnino  
para acabar de uma vez  
a raça de Virgulino.

A sanha de quem seria  
o capitão do cangaço  
não admitia derrota,  
não aceitava fracasso  
na zona de eficácia  
do seu poderoso braço.

Teve a família Ferreira  
vitória tão expressiva,  
tão esmagadora e tão  
convincente e decisiva,  
a quem a testemunhou  
pareceu definitiva.

Mas o ódio não se apaga  
no selvagem coração,  
confrontos entre as famílias  
nos dão a comprovação  
de que a paz não seria  
mais possível no sertão.

O velho José Ferreira  
tristonho e desiludido  
porque por causa dos filhos  
vivia assim perseguido,  
o sossego não seria  
jamais restabelecido.

Por arte do capiroto  
que o fogo do ódio atíça  
um homem decente, honrado,  
sem ambição ou cobiça  
saber que seu próprio filho  
é corrido da justiça.

Porém não tinha mais jeito  
porque a vereda errada  
que seus filhos escolheram  
teria que ser trilhada  
armando cilada torpe,  
sofrendo torpe emboscada.

Atormentado, José  
fez uma desesperada  
mudança pra Mata Grande  
em Alagoas, e dada  
a distância poderia  
ter a paz tão desejada.

Livino retomaria  
sua vida de vaqueiro,  
e Virgulino, além  
de artesão, sanfoneiro  
esqueceria as encrencas  
levando um viver ordeiro.

Mas inesperada e grande  
foi sua decepção,  
ali morreu fulminada  
de ataque do coração  
Maria da Soledade  
deixando desolação.

Desolado com a perda  
de sua esposa querida  
José Ferreira passou  
o resto de sua vida  
sem paz, com sua família  
por volantes perseguida.

Como vaticinou o  
andarilho conselheiro  
de Canudos, que o nordeste  
e mesmo o Brasil inteiro  
em breve conheceria  
o seu maior bandoleiro.

José ouviu Virgulino  
lhe dizer, algo ofegante  
que em seu encaalço andava  
a furiosa volante  
de Alagoas, disposta  
a ataque fulminante.

José aparentemente  
ignorou o aviso  
mas saiu em passos lentos  
acabrunhado, indeciso  
lamentando em seus rapazes  
tanta falta de juízo.

Ensurdecedor tropel  
por tiroteio mesclado  
ouve-se em torno da casa  
com o triste resultado:  
José numa grande poça  
de sangue quente deitado.

Naquele sombrio dia  
de tanta desolação,  
de tanta revolta e ódio  
nascia para o sertão  
o nosso famigerado,  
destimido Lampião.

Juntou-se ao grupo voraz  
de Sebastião Pereira  
seus mais feroz precursor  
e assim os irmãos Ferreira  
formaram a endiabrada  
e mais cruel cabroeira.

O ódio, a vingança, a fúria  
a vileza a tirania  
do bandoleiro iracundo  
ninguém mais controlaria  
incendiaria fazendas,  
o pavor espalharia.

Lampião era a um tempo  
venenosa caninana  
e cordeirinho domado  
capaz de ação humana  
mas dentro de tais ações  
a fúria da fera insana.

Fazia forró com moças  
e rapazes reunidos  
exigindo que os pares  
dançassem todos despídos  
enquanto ele e seus cabras  
achavam graça; entretidos.

Visto aquele espetáculo  
não parecia tão feio  
mas o respeito exigido  
somava-se ao receio  
de que o forró findasse  
num horrível tiroteio.

Porque se alguém faltasse  
com um tico de respeito  
Lampião autorizava  
que dessem fim no sujeito  
para que ninguém ousasse  
repetir seu triste feito.

É claro que um par dançando  
completamente despido  
para o respeito integral  
ser preservado e mantido  
só com mortal ameaça  
das armas de um bandido.

Com Sebastião Pereira  
e Luís Padre, o irmão  
reconduzidos à paz  
por padre Cícero Romão  
o grupo ficou entregue  
às ordens de Lampião.

Em livros de outros autores  
exaustivamente lidos  
contam porque Virgulino  
como os maiores bandidos  
tiveram os nomes mudados  
para alcunhas, apelidos.

Mais de duzentos combates  
Lampião empreendeu  
peito a peito, em campo aberto  
e no dia que morreu  
foi em covarde emboscada  
que ele nem percebeu.

Quando percebeu foi tarde  
para esboçar reação  
pois a volante chegou  
com a recomendação  
de não cometer enganos,  
assassinar Lampião.

Lampião foi um valente  
como o foi também São Jorge  
mas como o santo, não tinha  
consigo nenhum caborje  
Lampião também não tinha  
demo nenhum no alforje.

Criou o homem o chicote  
infernalmente inclemente  
para corrigir o erro  
do sujeito intransigente,  
Lampião foi um chicote  
de Deus em forma de gente.

Nunca se viu englobados  
num só vivente mortal  
tanta sede de grandeza,  
nunca sanha tão brutal;  
o sentimento selvagem  
bruto do bem e do mal.

Lampião seria capaz  
de amar perdidamente  
aos seus queridos irmãos;  
de odiar cegamente  
a quem o traísse, ainda  
que fosse só com a mente.

No limiar deste século  
houve o recrudescimento  
do cangaço no nordeste  
com o aparecimento  
de Lampião, entre todos  
talvez o mais violento.

Quando dizemos talvez  
temos medo de engano  
porque o homem do campo,  
o pesquisador insano  
mostraram de Lampião  
seu lado bom e humano.

Só por Lampião ter sido  
muito voluntarioso,  
por ter tido, já adulto  
a fama de corajoso  
não eram razões concretas  
pra se tornar criminoso.

Para presente edição  
foram relacionadas  
obras por meticulosa  
peneira crítica passadas  
e delas só as verdades  
foram selecionadas.

Defeitos nas várias obras  
que pesquisamos não pomos  
porque somos imperfeitos  
e principalmente fomos  
com as faltas inerentes  
ao ser humano que somos.

Liderando muitas vezes  
mais de cem homens armados  
ao chefe servis, ordeiros,  
por volantes odiados,  
por fazendeiros temidos  
por humildes respeitados.

Também protegidos por  
sacerdotes importantes  
evitando o choque com  
famigeradas volantes  
provocando um clima nunca  
experimentado antes.

Envolvendo do nordeste  
os mais renomados vultos,  
homens de conduta dúbia  
e supostamente cultos,  
ora acoitando bandidos,  
às vezes trocando insultos.

À criança indiferente  
às coisas más desta vida  
dizia a mãe: - Nossa vila  
hoje será invadida.  
Assim vivia a criança  
num clima tenso envolvida.

Na igreja o padre nada  
espiritualizado  
vaticina o fim do mundo  
num sermão tão demorado  
que por si já representa  
um desconto de pecado.

Mas na vida criminosa  
de Virgulino não há  
registro de uma só luta  
travada no Ceará  
pois seu protetor nasceu,  
viveu e faleceu lá.

É comprovado e notório  
que o grande capitão  
guardava muito respeito  
ao padre Cícero Romão  
tido no nordeste como  
padrinho de Lampião.

Igreja, seca e cangaço  
geraram inquietação  
provocando em nossa alma  
uma estranha sensação  
desconhecida pra quem  
nunca viveu no sertão.

Mulheres e cangaceiros  
fizeram longa união,  
portanto Maria Bonita  
na vida do Lampião,  
na história do cangaço  
não constitui excessão.

Corisco teve Dadá  
mulher de amor vibrante,  
Jararaca teve esposa,  
Dois-de-Ouro teve amante,  
Cruz Vermelha, companheira,  
Roque e assim por diante.

Sendo por Maria Bonita  
prontamente apelidada,  
por Rainha do Cangaço  
também cognominada  
era por todos querida  
e com temor respeitada.

Os nomes dos cangaceiros,  
a completa relação  
encontra-se no poema  
escrito por nossa mão  
intitulado: Corisco —  
Sucessor de Lampião.

Só o nome Lampião  
era por todos temido  
pois fez mulher confessar  
a falsidade ao marido  
bastava que anunciassem  
a presença do bandido

Os coroneis mais valentes,  
os políticos mais ousados,  
o juiz mais arrogante,  
os mais cruéis delegados  
na frente de Lampião  
ficavam paralizados.

Se mencionar pudesse  
aos leitores exigentes,  
mais de duzentos combates  
em lugares diferentes  
nem mesmo vinte volumes  
seriam suficientes,

O rastro negro e sinistro  
que o capitão deixou . . .  
não se conta os poderosos  
que sua senha estragou,  
de sua inclemente fúria,  
nem o humilde escapou.

O amor que tinha aos manos  
não lembrava um assassino  
e viu cair um a um  
Antônio, depois Livino  
e mais tarde Ezequiel  
alcunhado Ponto Fino.

Quando Ezequiel saiu  
duma batalha infernal,  
tendo nela recebido  
um ferimento mortal  
Lampião, frio e sinistro  
lhe deu o tiro fatal.

E disse num tom mesclado  
de ódio, tristeza e dor:  
— No dia que eu não tiver  
um remédio salvador  
façam o mesmo comigo  
que me farão um favor.

Quando Antonio faleceu  
Lampião sentiu bastante  
deixou crescer o cabelo,  
se tornou mais arrogante  
e sua imagem sinistra  
muito mais terrificante.

Quando o grupo do bandido  
invadia um povoado  
se dessem sem relutância  
o tanto solicitado  
não havia tiroteio  
nem qualquer confronto armado.

O capitão vaidoso  
de quando em quando pedia  
jornal que falasse dele  
por todo lugar que ia  
sobretudo os que tivessem  
a sua fotografia.

De maneira coletiva  
tratava bem os sequazes  
umas vezes "os meninos"  
outras vezes "meus rapazes"  
dirigindo sempre a eles  
as mais calorosas frases.

A prudência aconselhava  
ao Capitão infernal  
para nunca invadir  
cidades do litoral  
pra não botar em perigo  
ele e o seu pessoal.

No ataque a Mossoró  
em que saiu frustrado  
disse que dali pra frente  
só estava interessado  
no sertão quente, e, às vezes  
até mesmo esturricado.

Toda vez que sequestrava  
o filho dum fazendeiro  
pedia pelo resgate  
grande soma de dinheiro  
do contrário, a sangue frio,  
matava o prisioneiro.

Certa vez em Simão Dias  
um distante povoado  
foi por um agricultor  
bondosamente avisado  
que por cem cabras, estava  
o povoado guardado.

Lampião disse: — Com cem  
cabras meu grupo não pode —  
Mas Corisco gracejou,  
num divertido pagode:  
— Para cem cabras, compadre  
basta simplesmente um bode.

Mas Lampião possuía  
o modo de proceder:  
— Sem certeza de vitória  
não devemos combater,  
depois da derrota é tarde  
até para se arrepender.

Lampião só tinha um olho  
mas não cansava em lembrar  
que tinha de fechar um  
ao ser preciso atirar  
portanto não precisava  
o luxo de ter um par.

Meio dia em ponto ele  
reunia o pessoal,  
orava gesticulando  
para com o ritual  
mostrar aos cabras que tinha  
algo sobrenatural.

Quando o Sol agonizava  
para os lados do poente  
Lampião mais uma vez  
se curvava reverente  
às coisas da natureza  
respeitoso, obediente.

Lampião e seus capangas  
no combate violento  
uivava como cachorro,  
rinchava como jumento  
provocando nos soldados  
sombrio estremecimento.

Ele embora acalentasse  
no peito grande saudade  
dos pais, quando padre Cícero  
se foi pra eternidade  
foi que Lampião sentiu  
a verdadeira orfandade.

Não viajava aos domingos,  
parava pra descansar,  
no meio da mata agreste  
improvisava um altar  
em torno do qual mandava  
o grupo contrito orar.

Lampião dormia pouco  
ele e o seu pessoal,  
a não ser que o instinto,  
o seu amigo leal  
segredasse ao seu ouvido  
um aviso especial.

Emílio Ferreira um  
dos padres mais importantes  
aconselhou Labareda  
a capturar os semelhantes  
porém deixá-los com vida  
por mais que fossem arrogantes.

Labareda até gostou  
desse conselho sadio  
porque não gostava mesmo  
de matar a sangue frio  
tal como viu um soldado  
fazer com seu próprio tio.

Como viu Sabino um dia  
tão mortalmente ferido  
que pediu para ser morto  
é Mergulhão, comovido,  
pegou prontamente a arma  
e atendeu seu pedido.

Com moedas de tostões,  
de dois tostões e cruzados  
Lampião fazia o bem  
a muitos necessitados  
principalmente aos mendigos,  
aos cegos e aos aleijados.

Um dia a tarde caia  
e o santo do Juazeiro  
viu da casa onde morava,  
do extremo do terreiro  
seu mais ilustre afilhado,  
o mais devotoromeiro,

Era Lampião que vinha  
liderando um grupo armado  
dos lados de Pernambuco  
pelo padre convidado  
para dar combate aos Prestes  
cordialmente chamado.

Andava a coluna Prestes  
pregando pânico geral  
e possivelmente como  
finalidade central  
desestabilização  
do governo federal.

Foi para conter tal fúria  
que Lampião foi chamado,  
na casa do repentista  
João Mendes foi instalado  
num sobrado onde ficou  
com o seu grupo hospedado.

No confortável sobrado  
do ilustre repentista  
recebia autoridades,  
dava esmola e entrevista  
contando suas mais terríveis  
façanhas a um jornalista.

Internacionalmente,  
sobretudo no sertão  
é sabido que a patente  
honrosa de capitão  
Virgulino recebeu  
do padre Cícero Romão.

Conduzia Lampião  
suplícios martirizantes,  
ferros de marcar novilhos  
para ferrar delatantes  
que fossem denunciar  
sua presença às volantes.

Quarenta anos de idade  
dos quais vinte ou mais de lida  
no cangaço impiedoso  
e enquanto ele com vida  
foi a férrea disciplina  
dentro do grupo mantida.

Nessas alturas o audaz  
bandoleiro do cangaço  
mostrava nas faces rudes  
indisfarçável cansaço  
e caíria brevemente  
sem entregar-se ao fracasso.

Ele que amou febrilmente  
a uma mulher casada  
praticando amor selvagem  
no pé das moitas deitada  
companheira tão valente  
quanto fiel e ousada.

O cangaceiro gostava  
ouvir orgulhoso assim:  
aqui caiu Zabelê,  
aqui tombou Zepelim,  
aqui morreu Juriti,  
aqui Roque teve fim . . .

Mil novecentos e trinta  
ocorreu a divisão  
do grupo em diversos bandos  
prestando, em reunião  
contas ao supremo chefe  
do cangaço: Lampião.

No ano de trinta e oito  
ninguém sabia no sertão  
notícia do bandoleiro,  
parece até que o chão  
para sempre havia tragado  
o famoso Lampião.

Notícias à sua cerca  
eram tão descontraídas,  
algumas já como lendas  
por muita gente contadas  
que deixavam as volantes  
muito desorientadas.

Uma noite finalmente  
ele reapareceu  
a dezessete de abril  
de trinta e oito se deu  
seu reaparecimento  
que o nordeste estremeceu.

Três meses e onze dias  
depois da alegre incursão  
pelo Rio São Francisco  
o bando do Lampião  
parou em Angicos para  
desfazer-se da exaustão.

Depois de tanta armadilha  
pelas volantes armada,  
de tanta vã tentativa  
por Virgulino frustrada  
Angicos seria o fim  
da criminosa jornada.

A volante de Bezerra  
pertencia ao batalhão  
comandada por Lucena  
de Albuquerque Maranhão  
solenemente incumbida  
de acabar Lampião.

E algo estranho dizia  
ao experiente ouvido  
do tenente João Bezerra  
que o bandoleiro temido  
estava com o seu bando  
naquela mata escondido.

Margeando o velho Chico  
a volante caminhava,  
o tenente João Bezerra  
silêncio recomendava,  
os nervos ficavam tensos  
à proporção que avançava.

Pouco depois João Bezerra  
dividiu sua volante  
e nomeando ali para  
cada grupo um comandante  
estreitando o cerco para  
um ataque fulminante.

A vinte e oito de Julho  
era ainda madrugada  
somente Maria Borita  
se encontrava acordada  
recebendo a queima roupa  
a fulminante rajada.

Nunha movimento instintivo  
tantas vezes repetido  
Lampião sacou as armas  
mas mortalmente atingido  
dobrou-se ficando sobre  
as próprias armas caído.

Depois da luta em que foram  
dizimadas tantas vidas  
lhes deceparam as cabeças  
e depois de recolhidas  
em latas de querosene  
foram todas conduzidas.

Nascido em noventa e oito  
quarenta anos viveu,  
a vinte e oito de julho  
quando o dia amanheceu  
de trinta e oito, em Angicos  
Virgulino faleceu.

**FIM**

## Coleção do Autor

Emissários do Inferno na Terra da Promissão

O Monstro Misterioso da Gruta de Ubajara

Um Resto de Razão

Punhos Rijos

As Aventuras de Ricardo e a Grande Paixão de Tânia

Felisberto e Carmelita Contra o Ódio e a Vingança

O Triunfo do Amor de Valério e Violeta

As Bravuras de Justino Pelo Amor de Terezinha

Só Quando o Homem é Homem Faz o que Juarez Fez

História Emocionante de Celeste e Biltão

Lenda do Saci Pererê

Traços Biográficos de Getúlio Vargas

Sebastião — O Homem Forte do Tronco da Ibiapaba

Inglaterra e Argentina em Guerra pelas Malvinas

Lenda da Vitória Régia

Lenda do Caipora

Lenda do Vaqueiro Misterioso

Um Grande Exemplo de Jesus

O Brasil Inteiro Chora a Morte de Clara Nunes

O Homem que Não Sabia que se Chamava José

Faleceu Mané Garrincha o Fabricante de Joãos

Alvorada de um Guerreiro Filho do Deus do Sertão

Corisco O Sucessor de Lampião